



Casa de Volpi em 1966: Hermelindo Fiaminghi, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Volpi, Ungaretti e Mário Schenberg

opiniões polêmicas. Antes, havia um lampejo luciferino, um traço de *hýbris*, indelével, que atravessava por vezes, de inopino, a fala do velho poeta, capaz, por seu turno, de tanta afabilidade e de tanta simplicidade no trato com os mais jovens. (Era o lado *selvaggio e beduino* desse poeta de "extrema autoconsciência", profundamente embebido de literatura, como o caracteriza Glauco Cambon, que acrescenta: "A sua *pietas* é fúria"). Quando surgia o nome de Salvatore Quasimodo, por exemplo, seus olhos faiscavam: "Deram o Nobel ao homem mais mediocre da Itália!" (Pura injustiça: considero Quasimodo bom poeta, bom tradutor de poetas gregos e latinos; mas, por outro lado, como compará-lo a esse auge que é o poeta *ungarettiano*, ao qual nenhum Nobel prestou tributo?). A

pronunciou, em 5/9/66, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, então sediado na rua 7 de Abril, sobre o tema "Linguaggio e Poesia". O impacto desta conferência espelha-se nos artigos que escrevi sobre o poeta e sobre Leopardi. Ungaretti, o aspecto leonino, um foco de luz irradiando-lhe os cabelos brancos, comentava e lia os versos de Leopardi de um modo tão intensamente revelador, com tal alubrimento e emoção, que era como se o infortunado poeta de Recanati, que costumava conversar com os astros, rebrilhantes no céu noturno sobre o jardim paterno, ressurgisse, vivificado por essa nova leitura, e agora, na sincronia do espaço literário, se convertesse de súbito em precursor eletivo de Mallarmé, o Mallarmé que também interrogava as estrelas, na noite

Arquivo de Arte Contemporânea